

## BAQUÍLIDES, “ODE 18” *TESEU CHEGA A ATENAS*<sup>1</sup>

### Apresentação

O ditirambo de Baquíledes que aqui temos traduzido é notável por sua diferença em relação ao que nos sobrou tanto deste poeta quanto de Píndaro, sobretudo por dois motivos: em primeiro lugar, é um ditirambo inteiramente dialogado, sem intervenção narrativa externa, o que o aproxima bastante da tragédia; em segundo lugar, a construção é feita em quatro estrofes, e não em tríades, alternadas entre os dois falantes, o coro e Egeu. Como de praxe nos estudos de poesia grega arcaica e clássica, há uma grande dificuldade na datação do poema, bem como na definição do evento em que foi apresentado: poderia ter sido nas Dionísias, Targélias, Heféstias, Teseias, ou Panatenaias; com a data possível entre 460-444 a.C., período em que Atenas controlava a região de Mégara, o que explicaria a chegada de Teseu pelo Istmo, onde havia uma guarnição de efebos.

A história resume-se a um diálogo entre o coro e Egeu, pai de Teseu, quando o rei convoca a população para informar sobre a chegada de um estranho herói. Embora a figura permaneça até o fim desconhecida para os personagens do diálogo, pela descrição dos seus feitos percebemos que o auditório de Baquíledes facilmente reconheceria o herói ateniense e que, pelas suas vestes, ele bem se pareceria com um dos efebos de Atenas. A construção em diálogo, junto com a cena de desconhecimento irônica aos olhos da plateia, acaba por estabelecer um ar bastante trágico para o poema, o que deve ser intencional da parte de Baquíledes, no intuito de recuperar a ligação entre a tragédia (que então estava no auge em Atenas) e suas possíveis origens no ditirambo. Inevitavelmente a cena invoca outra: a do retorno de Teseu, depois de matar o minotauro. Segundo a versão mais corrente do mito, Egeu havia concordado com o filho que, se este voltasse vivo, mostraria velas brancas em seu navio quando estivesse chegando à pátria. No entanto,

---

<sup>1</sup> Tradução do texto grego: MAEHLER, H. *Bacchylides: a selection*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. O tradutor gostaria de agradecer pela leitura, apoio e comentários de João Angelo Oliva Neto, Bernardo Brandão, Roosevelt Rocha e Rodrigo Tadeu Gonçalves.

desatento do acordo com o pai, Teseu deixou a bandeira preta no mastro; e seu pai, ao ver a bandeira e interpretar que o filho estava morto, jogou-se das rochas ao mar. A diferença, obviamente, é que no caso do ditirambo o resultado da ignorância de Egeu não será catastrófica, mas podemos prever que numa apresentação a cena que se seguiria pode ser a da entrada triunfal de Teseu junto com alguns efebos. Na estrutura do poema temos, por estrofe, a seguinte disposição:

1. O coro, que não é identificado, mas parece assumir a função do povo ateniense, apresentando-se aqui como Jônios, inicia a fala questionando o porquê de uma convocação feita pela trombeta marcial à ágora: assustado ele faz conjecturas sobre a possibilidade de uma guerra contra um general ou ladrões e termina com um louvor ao seu rei. A série de perguntas para ganhar otimismo, na medida em que sai da hipótese de ataque bélico para o de ladrões e termina com a simples pergunta sobre o que aflige o rei; esse mesmo otimismo gradual se revela na segunda fala do coro. Na sua fala final é que se nos revela a identidade de Egeu como filho de Pândion e Creúsa, portanto o pai de Teseu.

2. Egeu revela sua apreensão com a vinda de um desconhecido e comenta seus feitos. A partir desses cinco feitos é que podemos identificar a figura não nomeada de Teseus:

a) Sínis, filho de Posêidon (referido como Cronida Liteu), era um gigante que assassinava os viajantes com um pinho dobrado;

b) Crêmion (ou Crômion) era um lugar situado entre Corinto e Mégara, onde uma porca selvagem matou várias pessoas até que Teseu lhe desse cabo;

c) Círon, filho de Pélops (ou Posêidon), na região de Mégara conhecida como Rochas Cirôneas, obrigava os viajantes a lavarem seus pés, e enquanto eles o faziam, jogava-os ao mar, onde uma tartaruga gigante os devorava;

d) no caminho de Mégara havia um lugar chamado Palestra de Cércion (herói eleusino, filho de Posêidon ou Hefesto), onde ele detinha os viajantes e os forçava a lutar com ele;

e) por fim, Procpotas (ou Procrustes), que em Baquílides aparece como um sucessor de Polipêmon, era um assaltante dos viajantes entre Mégara e Atenas, que tinha o costume de medir suas vítimas e estender as muito baixas e cortar o que sobrava nas muito altas.

Dados os feitos inenarráveis do herói (“inefáveis” na tradução para manter o efeito terrível na visão de Egeu), o rei termina sua fala com aflição, por não saber se o intuito do desconhecido é amigável ou não.

3. O coro faz mais perguntas, mas, em contraposição a Egeu, age de modo eufórico, vendo na figura desconhecida um homem que recebe apoio divino. O auditório, que a essa altura já reconhece Teseu, obviamente se identifica com o otimismo do coro. Animado, as perguntas focalizam-se em vestes, armas e companheiros desse herói. A oposição entre o coro e Egeu é ainda mais reforçada pelo verso final, ecoando a última fala de Egeu na segunda estrofe, mas num tom bastante diverso.

4. Egeu responde em ordem inversa (companheiros, armas e vestes) à pergunta sobre Teseu: ele tem dois companheiros (talvez Pirítoos e Forbante); detém uma espada, que é aquela que Egeu lhe havia dado para que fosse depois reconhecido; carrega dois dardos, tal como os heróis homéricos; e veste um capuz (ou elmo feito de couro), um manto púrpura, como sinal de sua estirpe régia, e uma clâmide, que é um manto curto de origem tessálica usado por soldados e por efébo atenenses; seu olhar é comparado com o vulcão Mósiclos, conhecido como o “fogo de Lemnos”, o que lhe dá um aspecto terrível; e ele é descrito como um jovem (no mito, com cerca de 16 anos). É curioso lembrar que nenhuma outra fonte fala de Teseu como ruivo, e que muitas vezes essa cor de cabelo é vista pelos gregos com algum preconceito. A fala de Egeu acaba, junto com o poema, de modo um tanto quanto abrupto, revelando o intuito do herói de chegar a Atenas; e, pela segunda nomeação da cidade, nós temos uma espécie de composição em anel.

Por último, quanto à estrutura métrica do original, tentei recriá-la em português a partir de uma estrofe complexa que se repete nas falas sucessivas. Em geral, quando lemos traduções desses poemas polimétricos, elas são feitas ou numa métrica regular, ou em versos livres. Não pretendo aqui fazer uma análise da métrica de Baquilídes, mas apresento ao menos a solução possível para o português, que talvez possa servir de reflexão prática sobre um modo métrico de se traduzir ritmicamente a complexidade desses poemas. Eis a tabela métrica para a estrofe em português:

4-7-10

2-5-7-10

4-7-10	
2-5-7-10	
4-7-10	(5)
5-8	
4-6	
3-6-8	
3-6-9	
5-7	(10)
3-6-9	
5-7-9-11	
3-6-9	
4-6	
3-6-8-11	(15)

Comento apenas que, como se pode perceber, tentei manter certa regularidade rítmica interna com o objetivo de recriar a cadência dos versos jâmbicos.

## Tradução

### CORO

Ó soberano de Atenas sagrada, ó rei do luxuoso povo da Jônia, por que num bélico canto soou há pouco a trombeta toda de bronze?	
Acaso algum inimigo da nossa cidade à fronteira aportou?	5
Seria um comandante? Ou ladrões, planejando o mal, que atacaram as nossas ovelhas enquanto os pastores choram?	10
O que rasga esse teu coração? Fala-me; pois penso que, se algum mortal é capaz de dispor dum auxílio	

de valorosos jovens,  
é o filho de Creúsa e Pândio: só tu. 15

EGEU

Chegou há pouco um arauto cruzando  
um longo caminho a pé desde o Istmo;  
conta inefáveis façanhas dum forte  
varão; que acabou com toda a soberba  
de Sínis, cujo poder é o maior 20  
dos mortais, que é filho do sísmico,  
do Cronida Liteu;  
que também derrotou a porca  
homicida entre as várzeas de Crêmion,  
bem como o perverso Círon; 25  
a palestra de Cércion ao fim  
levou, e Procoptas larga seu martelo  
dado por Polipêmon, depois  
de conhecer tão forte  
varão. Tenho pavor do risco do fim. 30

CORO

Mas e quem é esse homem, acaso  
te disse? E quais coisas ele carrega?  
E por acaso com armas de guerra  
u'exército guia contra esta pátria?  
Ou então marcha com poucos adeptos 35  
como um viandante à deriva  
por uma terra estranha,  
que onde passa, valente, forte,  
e confiante agora derruba  
o vigor dos grandes homens? 40  
Algum deus deu-lhe o ímpeto, é certo,  
para que justiça contra injustos faça:  
pois, eu sei, não é fácil agir  
sem tropeçar num mal.  
Porém tudo caminha para algum fim. 45

## EGEU

Que apenas dois companheiros o seguem  
me disse, e ao redor dos ombros brilhantes  
leva uma espada com punho em marfim,  
dois dardos polidos empunha nas mãos,  
e circundando seus rubros cabelos 50  
usa um refinado capuz,  
além de um manto púrpura  
que lhe cobre no peito e a clâmi-  
de tecida com lã da Tessália

Nos olhos refulge o fogo 55  
escarlate de Lemnos, um jovem  
viçoso, que sempre cumpre os jogos de Ares;  
da batalha e do brônzeo entrechoque  
entre o clamor da guerra;  
e hoje ruma pra Atenas, que ama esplendores.

Apresentação e tradução de  
GUILHERME GONTIJO FLORES  
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Universidade Federal do Paraná